



O arquipélago da insónia,
de António Lobo Antunes

Carolina Malta Cardozo Pezzoni ¹

“O arquipélago da insónia”, de António Lobo Antunes, é livro que se torna a partir de ausências. No lugar da mãe, fotografias antigas e baús agora sem perfume; em vez do avô, a sua tosse a comandar o mundo; da avó, um olhar de retrato e uma chávena a tremelicar no pires. A louça a sustentar o peso de uma família ausente há três gerações. A ocupar os espaços vazios, objetos e espectros mais animados que a gente que outrora habitara – se é que habitara – a casa, a herdade, a vila. Até mesmo o relógio, a desorientar o tempo, “caminhando parado a anunciar que o tempo coalhou”, contribui para dissimular a extensão da falta, que não se sabe quando é passageira, quando é irrevogável. O que perturba e ao mesmo tempo move o narrador neste universo são os laços e os afetos impossíveis. Em sua percepção, resta nada além de alheamento e solidão.

¹ É jornalista, especializada em jornalismo cultural pela PUC-SP e aluna especial do programa de pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP.

Em vez de contá-la, o autor prefere suspender a história de desagregação e falência desta família, proprietária de terras no Alentejo. Para este feito, encontra na perspectiva do narrador autista o silêncio fundamental. Uma vez que o autismo é disfunção que afeta a capacidade do indivíduo de responder às normas que regulam a interação social, além prejudicar sua capacidade de se comunicar e de estabelecer relacionamentos, não poderia haver testemunho mais eficaz para constituir um microcosmo à míngua. Ao mesmo tempo em que representa uma evolução das obsessões temáticas e estratégias narrativas de romances anteriores do autor, este livro alcança uma nova forma de expressar a vida e as emoções, que reside – não sem configurar um paradoxo – exatamente no discurso fragmentário do narrador, que garante o privilégio das impressões sobre as ações e sobre um possível encadeamento linear.

O fato de um autista ser o guardião das memórias da família exige que o leitor estabeleça pontes no decorrer do livro para acompanhar um padrão narrativo que, naturalmente, devido à repetição de palavras e expressões e às longas descrições do narrador voltadas às filigranas do ambiente ou da natureza, prescinde de sucessão temporal. O que já lhe rendeu algumas aproximações com William Faulkner, segundo descrição do próprio Lobo Antunes, ele escreve em “largos círculos concêntricos² que se estreitam e aparentemente nos sufocam”. Recurso este que assegura o caráter relativo do tempo, que aparece neste livro – assim como em outros da produção antuniana – como pura construção, mas principalmente a expressão máxima da subjetividade da memória.

Ora, se a memória é suscetível, qual não é a transgressão de “O arquipélago da insónia” à verdade das coisas? Neste sentido, a própria narrativa revela-se possível imaginação: “isto não é um livro, é um sonho”, nos confia – talvez provoque – o narrador, indicando que, a partir dali, qualquer certeza deixa de ser absoluta para tornar-se invenção potencial. Seu registro delirante incorpora ainda um

² Da crônica “Receita para me lerem”, do Segundo Livro de Crônicas (2002) publicado pela Dom Quixote.

emaranhado de vozes, muitas vezes dissonantes, que se fundem e intercalam a manifestar outras emoções: do pai, da mãe, do irmão, do avô e da avó, do feitor e do ajudante do feitor, do seu amor Maria Adelaide e da prima Hortelinda. Nem mesmo o espaço em que se encontram é definitivo. Pode-se presumir que a vila e a herdade se situam no Alentejo, na zona rural, fora de Lisboa, mas jamais nomeá-las ou pertencê-las. Assim como em outros livros da produção ficcional de António Lobo Antunes, o território é, na verdade, interior. Um deserto de vozes³, como ele mesmo definiu, que desorienta o leitor até que ele sucumba diante da dimensão onírica da obra e, portanto, às dúvidas essenciais.

Neste jogo de espelhos⁴, para usar uma expressão do autor, a substância do livro emerge tão e somente na medida em que o leitor nele projeta a sua relação conflituosa com a existência. Esta é obra que existe se não por remissão, assumindo o risco de não emancipar-se ao abrir mão de um enredo antecipadamente estabelecido em benefício do íntimo e indizível. Mas logra envolver o leitor com ausências de afetos e respostas que o conduzem a uma procura de si, até que se torna inevitável a descoberta de seu desamparo e angústia essencial – a primeira e a última de todos os homens no tempo. Dessa forma, em um processo de evolução de sua produção, António Lobo Antunes nos reduz à ilha de que somos feitos, habitando as vozes que existem dentro de nós. E o que poderia representar o fim de uma obra mostra-se afinal o seu trunfo: quanto mais ausências contém, mais completa se torna. “O arquipélago da insónia” carrega todos os silêncios do mundo e surge apenas quando o mundo silencia.

³ De entrevista em vídeo produzida para as Publicações Dom Quixote por Elvis Veiguiinha.

⁴ De entrevista em vídeo produzida para as Publicações Dom Quixote por Elvis Veiguiinha.